

ESPELHO, ESPELHO MEU
UMA LEITURA DE "AS HORAS NUAS"*
DE LYGIA FAGUNDES TELLES

NEILA ROSO BIANCHIN (UFSC)

"As Horas Nuas", áridas, vazias. Mas por que "nuas" se o romance é tão denso? Talvez porque seus personagens se apresentam inteiramente despidos de qualquer máscara, deixando a mostra delírios, defeitos e virtudes - mesmo os mais enigmáticos como os de Ananta, a psicanalista. Nuas também são as horas de Rosa, que se entrega à bebida para compensar suas perdas. No entanto, quanto mais bebe mais lúcida fica, aumentando seu vazio interior. Esta parece ser a sensação comum deste tempo quando a vida gira em ritmo de um vídeo-clip. Tudo é imagem e as imagens vão passando alucinadamente... E nós, no centro do palco, vestindo as sucessivas máscaras, sem tempo para nos apresentar de "cara limpa", como as personagens do romance em questão.

"As Horas Nuas" de Lygia Fagundes é muito mais um "texto-leitura", como diz Barthes: "Este texto que escrevemos em nós quando lemos". Um texto nascido de todas as perguntas que a leitura suscita, de todas as questões que são jogadas para o leitor

*Trabalho apresentado na disciplina **Narrativa Contemporânea**, ministrada pela Profª Tânia Regina Oliveira Ramos no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, UFSC, 90.1.

refletir, de toda a emoção que é capaz de gerar. "É esta leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre", enfim, um texto que vai sendo construído cada vez que "levantamos a cabeça".

Metáfora da condição humana: esta pode ser a síntese de "As Horas Nuas". Trabalhando intensamente com as palavras, a romancista construiu um enredo que não tem começo nem fim, histórias em aberto, contadas num estilo narrativo alternado, que envolve o leitor num clima de emoção e suspense. Mas se por um lado, Lygia inova na linguagem, por outro lado, ela se mantém fiel à proposta de todos os seus textos, qual seja, de fazer uma literatura sobre e em torno da mulher. Mas fazer uma literatura feminina não significa, para a escritora, deter-se apenas nos problemas femininos. Pelo contrário, seus personagens discutem problemas comuns a homens e mulheres, que vivem a profunda crise destes tempos modernos ou, se quisermos, pós-modernos.

Rosa Ambrósio é o protótipo desta nova condição, alcoólatra, velha, narcisista, atriz-decadente: "... só se fala em decadência dos usos, decadência dos costumes, está na moda a decadência. Sou uma atriz decadente, logo, estou no auge." Na companhia de um gato e de uma velha empregada negra, Rosa vive solitária, confinada dentro de um apartamento - a "casa" que não tem raízes, que não está mais na natureza, segundo diz Bachelard em "A Poética do Espaço". "As relações da moradia com o espaço tornaram-se fictícias. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados". Rosa Ambrósio é o símbolo do homem contemporâneo que também não tem mais raízes, nem identidade, nem individualidade.

No mundo moderno, tudo é imagem. Realidade e fantasia se misturam a todo o momento. Os bens já não são duráveis, o capitalismo industrial e a produção em massa encarregaram-se de programar sua obsolescência. Esta substituição de objetos duráveis por um mundo de imagens que oscilam e mudam alucinadamente, faz com que seja difícil distinguir realidade e fantasia. Num ambiente como este "a individualidade transforma-se em um bem de luxo, fora de lugar", assegura Christopher Lasch em seu livro "O Mínimo Eu". Tanto as pessoas, quanto as coisas, perderam a solidez: "A identidade tornou-se incerta e problemática, não porque as

pessoas não ocupem mais posições fixas, mas porque elas não mais habitam um mundo que exista independente delas".

A personagem principal de "**As Horas Nuas**", Rosa (palavra de carga simbólica) também é um ser que perdeu sua identidade. Burguesa, alienada e conservadora, deixou-se impregnar tanto pelas vidas que viveu no palco, que até mesmo na vida real vai passando de um papel a outro, misturando loucamente realidade e ficção. Mas quando já não tem o aplauso e a admiração de todos, quando perde o marido (Gregório) e depois o amante (Diogo), os grandes espelhos de seu apartamento lhe revelam, ainda mais friamente, a dura realidade, trágica demais para a narcisista que se acostumou a ver em tudo e todos o reflexo de sua bela imagem. "... tantos espelhos. Mas só agora me vejo, uma frágil mulher cheia de carências e aparências, dobrando o Cabo da Boa Esperança... velhice, ô! meu Pai, que palavra ignóbil!"

Dizer-se de Rosa que ela é apenas uma burguesa alienada é, certamente, ficar na superficialidade de uma personagem que quando deixa cair as máscaras, quase sempre levada pelo álcool, exhibe um interior rebelde e inconformado com as misérias da vida e consigo própria. "... Tomei horror pelo horror conformado. A miséria paciente. Minha mulher, doutor, mais meu filho com barraco e tudo, sumiu no meio da água, barro... Lá do alto dos palanques os políticos filhos-da-puta exigem providências. Meus irmãos, meus irmãozinhos! E os irmãozinhos continuam morrendo como moscas..."

O discurso exaltado (e ele varia sempre entre a lucidez, a exaltação e a apatia) não é suficiente para fazer Rosa reagir. "... não leio jornais, desliguei a TV com suas desgraças em primeiríssima mão... Por que ficar sabendo se não posso fazer nada? Estou ciente, e daí? Não adianta se revoltar...". Rosa volta constantemente à apatia. O homem contemporâneo parece apático, sem reação às ameaças da vida cotidiana. Se o planeta agoniza; a fome gera a violência (prioridade aos descamisados e lhes tiram suas camisas...). Christopher Lasch defende a idéia de que esta aparente apatia é apenas uma maneira do indivíduo sobreviver. "A vida cotidiana passou a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade". A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a

renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez, seriam, para ele, as estratégias utilizadas pelas pessoas para proteger seu eu interior.

Mas voltemos a Rosa. Com ela e seu gosto pelos espelhos, seu horror à velhice, sua necessidade de admiração e aplauso, somos levados a refletir sobre estas duas marcas da sociedade contemporânea, que são o narcisismo e o medo de envelhecer. Nas duas últimas décadas, a crescente descrença numa mudança radical da sociedade, aliada a toda uma conjuntura do capitalismo industrial e da produção de massas, fizeram com que as pessoas se voltassem mais para si próprias, para o culto do eu, para viver o presente. Estamos vivendo um novo tipo de narcisismo, anunciou Christopher Lasch em **A Cultura do Narcisismo**: um tipo, para ele, que representa a dimensão psicológica da dependência do indivíduo em relação às terapias, ao Estado, à Corporação e a outras burocracias. "O narcisista depende dos outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impedem de ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade. Pelo contrário, ela só contribui para sua insegurança, a qual somente pode superar quando vê seu "eu grandioso" refletido nas atenções das outras pessoas".

A emergência desta nova personalidade narcísica é vista por Lasch como reflexo de uma drástica mudança em nosso sentido de tempo histórico. "O narcisismo emerge como uma forma típica de estrutura de caráter, em uma sociedade que perdeu o interesse pelo futuro". A vida humana ameaçada, seja pela perspectiva de uma guerra nuclear, seja pelo lixo atômico ou pelos dejetos industriais, minou a crença das pessoas num futuro sólido e tranquilo.

Por outro lado, a invasão da vida pessoal pela informação e pelas imagens acelerou ainda mais o "desaparecimento do sentido de história" que, segundo Fredric Jameson, em "Pós-modernidade e Sociedade de Consumo", é um traço marcante do mundo contemporâneo. Pouco a pouco começamos a perder a "capacidade de preservar o passado" e passamos a viver "um presente perpétuo". Assim, a

"crença de que a sociedade não tem futuro, embora se baseie em certo realismo sobre os perigos do devir, também incorpora uma incapacidade narcisista de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte no fluxo da história", lembra Lasch.

O futuro incerto; o enfraquecimento das relações pessoais; a dependência da tecnologia que não se consegue controlar; a invasão dos meios de comunicação de massa ditando regras de comportamento, do que se deve gostar, o que vestir, comprar, informando sobre as crises e catástrofes; a provisoriedade dos objetos; tudo isso acaba por criar nas pessoas uma "determinação de sobreviver ao naufrágio geral" e estimulam o desenvolvimento de um "eu mínimo, narcisista", como o denomina Lasch, na tentativa de sobreviver a crise.

O narcisismo, entretanto, não é apenas dos indivíduos. Na visão de Lasch, a própria sociedade é narcisista e chega a incentivar, de diversas maneiras, os traços narcisistas em cada um de nós. "Pessoas com personalidades narcisistas desempenham um papel proeminente na vida contemporânea, com freqüência chegando a posições de eminência. Vicejando na adulação das massas, estas celebridades impõem o tom da vida pública e também da vida privada. O "beautiful people" - expressão que inclui não só os ricos, mas todos aqueles que se expõem ao pleno brilho das câmeras - vivem a fantasia narcisista, que consiste em nada mais substancial do que um desejo de ser amplamente admirado, acriticamente e sem reservas".

"Quero de volta minha juventude"

Rosa Ambrósio

Refleti sobre o narcisismo e volto à leitura de "As Horas Nuas" e encontro Rosa num discurso exaltado: "... estou ficando velha e me ralo de inveja dos jovens... Também quis segurar a beleza, quem não?... Mas ela escapou por entre meus dedos, água... Quero de volta a minha juventude!". Narcisista, Rosa não se conforma. Foram muitas perdas. "... Quando Gregório foi embora, quando ele (Diogo) acabou indo também fiquei me vendo em estilhaços. Cacos! eu grito e ninguém responde, perdi todos, minha filha. Meu público...", ficaram a solidão e a velhice, ambas intoleráveis.

"... Sei que apelo para mais um clichê mas a solidão é insuportável no mundo contemporâneo. O homem precisa do outro porque mesmo se atormentando e atormentado exige se olhar no espelho mais próximo que é a sua medida".

O discurso de Rosa mais uma vez nos estimula a viajar pela sociedade contemporânea, que tem demonstrado verdadeiro horror pela velhice. Velho tem sido sinônimo de esquecimento, marginalidade, desrespeito. Não é em vão que em todos os meios, tanto se fale e discuta a chamada "crise da meia-idade" - o momento em que homens e mulheres tomam consciência de que a velhice está "chegando".

Mas o que "está por trás dessa aversão ao processo de envelhecimento, que parece estar se tornando cada vez mais comum na sociedade industrial", pergunta Christopher Lasch. Para ele, homens e mulheres sempre desejaram viver eternamente, entretanto, o medo da velhice e, conseqüentemente, da morte, "assume uma nova intensidade em uma sociedade que demonstra pouco interesse pela posteridade".

A proximidade da morte não é a única causa que deprime aterroriza aqueles que se sentem envelhecer. "Nossa sociedade notoriamente encontra pouco uso para os mais velhos. Ela os define como inúteis, força-os a se aposentar antes de ter exaurido a capacidade para o trabalho e reforça o seu senso de superfluidade em todas as oportunidades". Além do que, as condições sociais dos velhos têm se deteriorado de maneira assustadora.

Há, entretanto, um outro lado da questão, muito mais pessoal, e que, para muitas pessoas, pode ser mais dolorido e trágico do que os problemas sociais e financeiros. A cultura contemporânea dedica um verdadeiro culto à juventude e um total descrédito à experiência, e com isso, envelhecer pode ser o caos, o fim. Lasch acredita que este horror especial à velhice demonstrado pelas pessoas deve originar-se "em alguma predisposição interior", refletindo não somente as mudanças objetivas que tornam intolerável a perspectiva da velhice. "Este medo pode originar-se na estimativa racional e realista do que acontece com as pessoas idosas na sociedade industrial; mas tem suas raízes no pânico irracional".

Este "terror irracional" da velhice, para Lasch, está profundamente relacionado com a emergência da personalidade narcisista como "um tipo dominante de estrutura da personalidade na sociedade contemporânea". Normalmente o narcisista tem poucos recursos interiores e olha para os outros para validar seu senso do eu. Ele "precisa ser admirado por sua beleza, encanto, celebridade ou poder - atributos que geralmente declinam com o tempo".

Segundo estudos de Otto Kernberg (citado em "a Cultura do Narcisismo", o narcisismo tem um efeito devastador sobre a segunda metade da vida das pessoas que possuem este tipo de personalidade. O mundo intrapsíquico destes indivíduos é povoado por um "eu grandioso de imagens desvalorizadas, indistintas do eu e dos outros, e de perseguidores potenciais", por isso experimentam intensos sentimentos de vazio e inautenticidade. "Aceitar o fato de que uma geração mais jovem possui agora muitas gratificações, antes apreciadas, de beleza, riqueza, poder e, particularmente, de criatividade. Ser capaz de apreciar a vida em um processo que envolve uma crescente identificação com a felicidade e realizações de outras pessoas está tragicamente além da capacidade das personalidades narcisistas".

Volto a lembrar de Rosa Ambrósio que tem uma filha, Cordélia, jovem e bonita e que, ao invés de incentivá-la e admirá-la em suas conquistas, passa o tempo inteiro recriminando-a. "...nem quinze anos tinha Cordélia! e já começou a sair com a homenzarrada. Tudo velho... eu queria apenas uma filha normal - seria pedir muito? Podia ser livre, morar longe com sua tropa de amantes, aceito. Mas não precisava ser uma tropa de velhos...". Rosa inveja a juventude da filha e recrimina-a por seus envolvimento amorosos porque a velhice é, para ela, uma coisa abominável.

O mesmo sentimento Rosa tem para com Ananta, a analista, a quem chama, sintomaticamente, de "muleta de vidro". Ananta é militante feminista, jovem e virgem; e é justamente por estas qualidades que Rosa a utiliza como espelho. Apesar de consultá-la como analista, Rosa tem consciência de que Ananta não pode ajudá-la. "... não sei o que essa pobre jovem pode fazer por mim... Eu poderia gastar todo o cuspe do mundo explicando e não

explicava nada, o que interessa está escondido..." Segundo Christopher Lasch, como paciente psiquiátrico, o narcisista é candidato maduro para a análise interminável, isso porque, ele está à procura de um modo de vida e espera encontrar na relação terapêutica o apoio para suas fantasias de onipotência e eterna juventude. O narcisista "uso o seu intelecto antes a serviço da evasão do que da auto-descoberta".

Ananta é a personagem mais misteriosa do romance de Lygia Fagundes Telles. Independente, solitária, a analista se esconde sob a máscara da militante feminista bem comportada. Ananta some de repente, sem deixar rastros e sua ausência não fará falta a ninguém, nem mesmo a Rosa, que vai mudar o rumo de sua vida, buscando forças em si própria. Muito se poderia falar sobre Ananta, que de analista passa a ser analisada por um narrador onisciente que vai desvendando os sonhos e delírios encobertos pelo comportamento de feminista exemplar, mas isso pode ser tema para outro trabalho. Por ora, quero me refetir apenas que, com ela, Lygia procura desmistificar a idéia de que os analistas são a tábua de salvação para todos os problemas pessoais.

Ao analisar a dependência dos indivíduos em relação à terapêutica, Lasch assegura que os médicos fizeram um culto do exame geral periódico e que os pacientes não mais se sentem física e psicologicamente seguros até que uma radiografia o confirme. A medicina e a psiquiatria e, principalmente, o ponto de vista e a sensibilidade terapêuticos que invadem a sociedade, reforçam o padrão criado por outras influências culturais, "nas quais o indivíduo examina-se interminavelmente, à procura de sinais de velhice e doença. A medicina moderna dominou as pragas e epidemias, que antes tornavam a vida tão precária, só para criar novas formas de insegurança".

Se Lasch constatou que, nos dias de hoje, homens e mulheres não conseguem sobreviver sem assistência de terapeutas especializados, Lygia sugere que o caminho para uma vida mais harmônica e feliz pode não ser este, o da dependência. A leitura de "**As Horas Nuas**" nos faz perceber que um dos caminhos pode ser o resgate da crença no futuro e na própria história. Rosa viveu todas as crises, foi ao fundo do poço, mas será uma promessa de fu-

turo que vai fazê-la reagir - "... o Diogo telefonou. Ficou de aparecer", lhe diz Dionísia, a empregada. Ao mesmo tempo em que se abre a perspectiva de futuro, Rosa parte para um reencontro consigo mesma através de suas lembranças que passam a ser contadas não mais para um analista - "... posso andar sem muletas..." - mas agora **para um gravador**. Ela ainda não tem coragem para escrever, prefere falar, mas a recuperação está em marcha. Feita a catarse, recuperada a história, Rosa faz as pazes também com seu corpo.

Quem sabe o caminho não seja este? Retomando a história sem nostalgias, fazendo as pazes com o passado, buscando as raízes e a própria voz, talvez seja possível aos homens e mulheres recuperarem a identidade perdida, preencher o vazio, compreender o presente e iluminar o futuro. Marshall Berman já nos havia alertado: "Pode ser que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante", disse ele na introdução de **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Seu convite era para que retomássemos o "dinâmico e dialético modernismo do século XIX", porque este ato poderia nos dar a visão e a coragem para criar os modernistas do século XXI. "Este ato de lembrar pode ajudar a levar a modernidade de volta às suas raízes, para que ela possa nutrir-se e renovar-se, tornando-se apta a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir. Apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades - e nos homens e mulheres modernos - de amanhã e do dia depois do amanhã", disse ele parafraseando Nietzsche. É possível que neste final de século, quando as ameaças de extermínio pela bomba atômica parecem mais afastadas; quando se derrubam muros em nome da liberdade e do entendimento; possamos seguir um convite...

Não poderia concluir este texto sem antes falar, ainda que rapidamente, sobre Rahul, que tem nome humano - com H de homem - mas que é apenas o **gato, andrógino e memorialista**, companheiro de solidão de Rosa Ambrósio, testemunha lúcido e silencioso de tudo o que se passa no ambiente familiar onde vive. Rahul é uma novidade na estrutura romanesca, porque ele também é narrador desta história. Clarividente, ele vê a si próprio em outras encarnações e vê também os fantasmas que passam pelo apartamento de Rosa.

Questionando a sua condição de bicho/humano, Rahul vai criando realidades para logo desmistificá-las. "... A única vantagem do bicho sobre o homem é a inconsciência de morte e da morte estou consciente... eu disse a gente? Eu disse a gente. Um gato memorialista e agnóstico - existe?..." Rahul também demonstra seu inconformismo em ser um "gato de madame" e questiona o fato de um bicho que foi "feito para árvores e telhados" viver pisando em tapetes e almofadas, confinado dentro de apartamentos, "sem horizontes, fechado por muros, móveis e portas". Sendo obrigado a ter um comportamento humano, com lugar certo para fazer cada coisa diz: "... Meu Deus, como o homem vive mal, cheira mal - eu disse meu Deus?... fiquei sentimental de repente, desta vez vou vomitar no lugar permitido - onde?" Para a náusea e o vômito não haviam ensinado o lugar, ainda que existisse. Porque o resgate do lugar é a grande conquista de *As Horas Nuas*, enquanto metáfora da condição humana em tempo de "Mínimos Eus": Rahul, Aranta, Rosa Ambrósio, você, eu...

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 1978.
- LASCH, Christopher. *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- _____. *O Mínimo Eu*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo*. Texto publicado em *Novos Estudos - CEBRAP*, nº 12, 1985.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1982.